Memória Ardente: autoficção na obra Diário da Queda, de Michel Laub

PEREIRA, Thiago Felicio Barbosa / UFPI / UNINOVAFAPI - thiaggofb@gmail.com

Eje: Escrituras del yo como formas del ensayo   Tipo de trabajo: ponencia

* Palavras-chaves: Diário da Queda – Michel Laub – Autoficção – Literatura Brasileira
* Resumo

Este trabalho objetiva investigar os traços da autoficção na narrativa literária de *Diário da Queda*, do escritor brasileiro Michel Laub. Na obra do escritor brasileiro, há uma frequente menção à obra principal do autor italiano Primo Levi, que narrou seu trauma em *É isto um homem?* Enquanto naquela obra tem-se uma narrativa ficcional dentro do contexto social e político brasileiro, tem-se nesta uma espécie de norte e modelo de narrativa para a primeira, pois os personagens de *Diário da Queda* retomam fragmentos e o relato testemunhal de Primo Levi sobre a sua experiência traumática. Mas a narrativa de *Diário da Queda* é sobretudo uma escrita permeada pelo que teoria literária denomina de autoficção, pois o seu autor, Michel Laub, usa artifícios também de si e da realidade para moldar o perfil de alguns personagens, sobretudo o protagonista, o qual funciona como um sujeito com quem idntificamos uma equivalência. Além dos aspectos culturais e judaicos que engendram a criação do conflito narrativo, tem-se ainda o acontecimento da *shoah* que une a geração do protagonista com o trauma vivenciado por gerações até hoje. Para esta investigação, foram importantes as contribuições teórias de Benjamin, Candido, Lejeune e Doubrovsky.

* Apresentação

A literatura brasileira toma para si, em seu âmbito de criação literária e enquanto reflexo social, alguns temas e aspectos que despertam o interesse não só do escritor, mas também do leitor, que de forma empática se sente próximo de personagens, cenário e o enredo construído de tal forma a associar um ao outro. Nesta guinada de temas subjetivos, a produção literária brasileira abarca temas atuais que vão desde problemas de gênero, minorias em geral até o resgate da memória por meio de obras cuja temática abarca o testemunho.

Um dos escritores brasileiros a fazer isso excelentemente é o gaúcho Michel Laub, que tratou do tema de refugiados judeus no período da segunda-guerra naquela que é considerada a sua obra mais conhecida: *Diário da Queda*, apontada também como um romance de formação. Na obra, João, um garoto de treze anos se machuca numa festa de aniversário. Quando adulto, um de seus colegas narra o episódio.

Ao partir desse mote inicial que se apresenta, no decorrer do desenvolvimento da história, mais que um acidente, o resultados traumáticos revelam que a memória, o trauma e o próprio ato de narrar fundem-se e constroem uma vida cheia de traumas e crises. É sobretudo um reflexo sobre as atitudes tomadas, sobre a memória e sobre marcas do passado, que deixam perdas, mas também aprendizagens. Além da narrativa do protagonista, com quem verificamos alguns aspectos autoficcionais diretamente ligados à vida do autor, o romance ainda expõe uma relação frágil e complexa com o próprio pai. Para completar o ciclo narrativo das três gerações, ainda há os relatos do seu avô, que por meio de seus diários, conhecemos sua dura experiência de sobrevivente de Auschwitz.

* Aspectos memorialísticos: entre Primo Levi e o narrador de Diário da Queda

Na obra, o personagem principal faz inúmeras referências a Primo Levi, escritor italianos que sobreviveu ao campo de concentração de Auschwitz e testemunhou tudo o que viveu em obras como *É isto um homem?*, *A Trégua* e *Os afogados e os sobreviventes*. É sobre a primeira obra que o personagem mais se refere, sempre associando a memória de seu pai e avô ao que Primo Levi fez: um trabalho de memória dos acontecimentos catastróficos do período vivido no campo de concentração. Na obra, podemos conferir que em nenhum parágrafo o narrador nos deixa esquecer o seu trauma, em todos ele faz referência a ele, ainda que de modo indireto.

A obra de maior relevância de Primo Levi, quando se propõe a discutir Auschwitz é, certamente, sua primeira, *É isto um homem?*, publicada em 1947, logo após ter saído do campo e retornado para sua terra natal italiana. Nas obras testemunhais de Primo Levi, as memórias ardem e lutam para não serem esquecidas. Uso o atributo de ardência para adjetivar a memória e o trauma porque a memória está associada a ele, a ferida emocional que se incendeia dentro do sobrevivente, flamejando o corpo e a memória, ou seja, a memória, junto com o trauma arde porque retoma o acontecimento traumático na vida de alguém. A memória retoma essa ferida do trauma. Gagnebin (2006), por exemplo, já havia dito que o trauma é a “ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalcados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavra, pelo sujeito”

No livro *Diário da Queda*, ela se manifesta por meio dos escritos registrados pelos personagens pai e avô do menino. A narrativa de *Diário da Queda* é formada de várias vozes (a do narrador, do seu e seu avô), as personagens ganham tom e, por meio da memória, apresentam os estereótipos que se formaram no testemunho de cada uma delas. As memórias se intercruzam e formam o discurso das personagens, dando um sentido de recomposição da memória por meio de três gerações de homens de uma família judaica, que luta contra o esquecimento e tentando preservar suas memórias. É o personagem narrador e protagonista, que no capítulo denominado “Algumas coisas que sei sobre mim” expõe os nomes que regem sua memória:

“Falar hoje sobre a mãe de João e o meu avô é apelar para as referências que incorporei ao longo dos anos, os filmes, as fotografias, os documentos, a primeira vez que li *É isto um homem?* e tive a impressão de que não havia mais nada a dizer a respeito. Não sei quantos dos que escreveram a respeito leram o livro, mas duvido que em qualquer desses textos exista algo que não tenha sido mostrado por Primo Levi. Adorno escreveu que não há mais poesia depois de Auschwitz, Yehuda Amichai escreveu que não há mais teologia depois de Auschwitz, Hannah Arendt escreveu que Auschwitz revelou a existência de uma forma específica de mal, e há os livros de Bruno Bettelheim, Victor Klemperer, Viktor Frankl, Paul Celan, Aharon Appelfeld, Ruth Klüger, Anne Frank, Elie Wiesel, Imre Kertész, Art Spiegelman e tantos e tantos outros, mas de alguma forma eles não poderiam ir além do que Primo Levi diz sobre os companheiros de alojamento, os que estavam na mesma fila, os que dividiram a mesma caneca, os que fizeram a caminhada rumo à noite escura de 1945 onde mais de vinte mil pessoas sumiram sem deixar traço um dia antes da libertação do campo.” (Laub)

Inúmeras são as narrativas nas quais se podem constatar a insistência das vozes em expor como o trauma desempenhou e desempenha um papel preponderante nos sentimentos dos oprimidos. Numa das narrativas brasileiras mais conhecidas na atualizada, o escritor Michel Laub imprime um tom memorialístico recheado de citações e referências ao escritor italiano Primo Levi. Uma obra memorialística como *Diário da queda* é importante porque além de apresentar diversas partes da obra em que personagens rememoram as experiências traumáticas vividas individual ou coletivamente, apresenta também uma possibilidade de relação entre a refugiados judeus no Brasil e o testemunho do sobrevivente Primo Levi.

Na narrativa de Laub, os personagens vivem angustiados: angustiados com a situação desumana a qual são submetidos e podem caracterizar as lembranças do convívio familiar, que retornam à mente do narrador; angustiados com relações familiares e angustiados com a própria relação individual com os outros membros familiares, constituindo aquilo que Halbwachs chama de memória coletiva, pois enxergamos nesse processo de trazer à superfície acontecimentos do âmbito individual, como no caso do narrador de *Diário da queda,* o compromisso de também construir uma memória que se torne de caráter coletivo. Halbwachs dirá que

“Não há memória que seja somente ‘imaginação’ pura e simples ou representação histórica que tenhamos construído que nos seja exterior, ou seja, todo este processo de construção da memória passa por um referencial que é o sujeito.” (Halbwachs).

Com efeito, a construção da narrativa em Diário da queda não se faz somente por meio da imaginação do seu autor Michel Laub, há os fatos nos quais o autor se apoia para construir e desenvolver a temática do trauma, da memória, da *shoah*, das relações familiares, da culpa, do judaísmo e outras temáticas que se tornam evidentes na escrita.

Primo Levi, o escritor aludido e citado exaustivamente pelo contador da história de Laub, é claramente um narrador e colaborador dessa corrente de memória contra o esquecimento. O narrador do romance se enquadra no que Benjamin concebe relacionando-o com a experiência.

*Diário da queda* é, resumidamente, a história desse garoto de família tradicional judaica que provoca a queda de um colega durante a festa de seu aniversário. *Gói* era a alcunha dada aos não judeus e, por isso, o colega vitimado pela queda não compartilha da mesma comunidade dos outros amigos. A partir desse mote inicial, ou a partir dessa consciência de culpa, o personagem, já adulto, rememora e conta como sua vida se transformou a partir desse acontecimento, lembrando desde o campo de concentração de Auschwitz (no qual seus avós foram vítimas) até a geração de seus pais. A culpa, que perpassa sua reflexão, também está relacionada a Auschwitz, que por meio das citações de Primo Levi, o narrador reflete sobre as possibilidades de culpar alguém pela destruição dos judeus europeus.

* A autoficçção em Diário da Queda, de Michel Laub

A crítica literária tende a inserir o livro *Diário da Queda* no que a teoria da literatura denomina de autoficção, ou seja, aquele texto em que há um entrelace da ficção com a realidade. O termo é meio dúbio, mas é consenso entendê-lo como um gênero criado por Serge Doubrovsky, o qual primeiramente usou o termo em seu romance *Felis* (1977), dando-lhe um teor ficcional e biográfico. Phillipe Lejeune, porém, trouxe à tona o debate da escrita de livros que usam o nome do próprio autor da obra, configurando-a no que ele chama de “pacto autobiográfico”.

“Autobiografia? Não, isto é um privilégio reservado aos importantes deste mundo, no crepúsculo de suas vidas, e em belo estilo. Ficção, de acontecimentos e fatos estritamente reais; se se quiser, autoficção, por ter confiado a linguagem de uma aventura à aventura da linguagem, fora da sabedoria e fora da sintaxe do romance, tradicional ou novo. Encontro, fios de palavras, aliterações, assonâncias, dissonâncias, escrita de antes ou de depois da literatura, concreta, como se diz em música. Ou ainda: autofricção, pacientemente onanista, que espera agora compartilhar seu prazer” (Doubrovsky)

O romande de Laub usa artifícios que nos lembram a escrita de uma autobiografia, seja por ser um “Diário”, ou ainda por ser um conjunto de relatos memoriais. Tudo isso pode provocar equívocos num leitor desavisado que pode ler a narrativa acreditando que ella de fato aconteceu. Assim, o que se percebe na obra de Michel Laub é o real manifestado no trauma, ou seja, na narrativa, um momento que o real e o ficcional se fundem ligando o imaginário e a memória do personagem. Os fragmentos dessas narrativas e suas lacunas abordam um passado que faz parte da complexa política da memória, em que o trauma é determinante para apresentar a fragmentação sem compromisso com a linearidade, mas principalmente com a memória, essa qualidade que para Izquierdo (2002) a “é a aquisição, a formação, a conservação e a evocação de informações”. Todavia, se Primo Levi vê a memória como “um instrumento maravilhoso, mas falaz. (...). As recordações que jazem em nós não estão inscritas na pedra; não só tendem a apagar-se com os anos, mas se modificam ou mesmo aumentam, incorporando elementos estranhos” (Levi), Michal Laub concebe-a como uma construção de mecanismos que impedem o seu registro:

“Se eu falar hoje com qualquer dos colegas envolvidos na queda de João, é possível que nenhum deles lembre dos detalhes da festa, dos motivos que nos levaram a planejar aquilo, e que nenhum deles faça relação entre o desfecho do plano e o fato de João não ser judeu, porque as conveniências sociais e as regras de etiqueta e a autoimagem que cada um construiu ao longo dos anos posteriores criaram os mecanismos de defesa que impedem a memória de registrar algo do gênero.” (Laub)

Assim, partindo dessa premissa de que a memória pode adicionar e/ou diminuir traços importantes dos fatos, os conceitos a respeito da memória e trauma conduzem à problemática de comparar a narrativa ficcional *Diário da queda*, de Michel Laub e o testemunho de Primo Levi, sobretudo em *É Isto um homem?*, livro chave mencionado pelo personagem na narrativa de Laub, livro que liga a narrativa do diário da queda com com os fatos históricos, para que o esquecimento não prevaleça sobre os vencidos. Candido (2006) afirma que a literatura “como fenômeno de civilização, depende, para se constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais.” Logo, inclui-se dentre estes, a história, que irá juntar-se aos outros constitutivos da produção literária, mas uma produção literária que engendra uma reflexão sobrea a realidade e encerra nas suas próprias narrativas a impossibilidade de vê-las apenas como história ficcional.

O narrador de *Diário da queda* faz, diversas vezes, referência à obra de Primo Levi e isso corrobora à ideia de que há, entre estas duas obras, uma forte relação. Entretanto, enquanto uma é pautada na ficção, a outra, no testemunho de quem viveu, de fato, a *shoah,* a catástrofe realizada nos campos de concentração pelos nazistas. Se Primo Levi é uma testemunha autêntica e objetiva rememorar o evento como uma forma política, Michel Laub, com sua ficção (ou como entendemos aqui autoficção) apresenta uma história espelhada na realidade.

Ao inserir trauma e memória nas narrativas, a literatura aborda explicitamente a relação entre literatura e realidade, onde o autor serve-se também das experiências pessoais para criar a obra de arte, no caso, a obra literária. Primo Levi, por exemplo, por meio de sua literatura de testemunho objetiva converter a *shoah* em tipo de experiência coletiva, fazendo público aquilo que, a priori, seriam experiências isoladas dos demais. Sobre isso, Levi (2004) recorre ao resultado do trauma para afirmar que “Nós, que sobrevivemos aos campos, não somos as verdadeiras testemunhas. [...] Nós somos uma minoria [...] anômala. Somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, jamais tocaram o fundo. Os que tocaram, e que viram a face das Górgonas, não voltaram, ou voltaram sem palavras”. A atitude de ficar sem palavras também ocorre na narrativa *Diário da queda,* de Michel Laub, na qual o pai do narrador, ao ser diagnosticado com Alzheimer, assume uma postura de silêncio, mas que motiva-o a narrar a fim de não esquecer os acontecimentos. O silêncio é um elemento característico, não só por ser oposto à memória, mas, sobretudo faz parte do complexo processo da construção da memória. Para Seligmann-Silva (2003), a memória, assim como a língua, com seus atos falhos e silêncios, não existe sem a resistência, sem a lembrança dos fatos. E, por isso, as personagens do romance de Laub rememoram:

“Não sei se meu avô leu É isto um homem?, e se ter vivido o que Primo Levi narra faz com que o livro soe diferente, e o que para um leitor comum é a descoberta dos detalhes da experiência em Auschwitz para o meu avô era apenas reconhecimento, uma conferência para ver se o que era dito no texto correspondia ou não à realidade, ou à realidade da memória do meu avô, e não sei até que ponto essa leitura com o pé atrás tira parte do impacto do relato.” (Laub)

Dessa forma, a narração dos personagens de *Diário da queda* também demonstra a intenção de constituir uma memória coletiva, assim como fez Levi em *Os afogados e os sobreviventes*, uma vez que essa obra está imbrincada sobre elementos que configuram essa memória. Em vários momentos da narrativa *Diário da queda*, as personagens trazem à tona acontecimentos históricos que passaram de experiências individuais para uma referência coletiva. Em *Diário da queda* é o foco narrativo do avô que desencadeia todo o processo de escritura no qual os descendentes terão conhecimento, costurando e dando sequência ao objetivo de narrar e construir a memória.

Na narrativa de Primo Levi, eleita pelos personagens do romance de Laub como modelo master de testemunho e memória, o escritor italiano nos conta o cotidiano do Campo de concentração, o confinamento, suas esperanças e agonias. Diante das inúmeras relações com Primo Levi, a obra de Laub é também um relato memorialístico do ponto de vista do narrador que utilizada dos fatos vividos por seus pais e avós para contar o trauma. Mas Michel Laub não escapa tanto assim da realidade, já que sua obra apresenta tantos elementos reais que sua obra *Diário da queda* pode se enquadrar no que aqui discutimos como autoficção.

Em suas primeiras páginas, já imaginamos os aspectos aqui debatidos, como trauma e memória, pois ao contar a chegada de sua família no Brasil, o narrador tem a intenção de relacioná-la diretamente com a sua condição e suas circunstâncias. Vejamos o que ele nos conta no início do romance:

“[...] o fato de ele ser judeu, e ter chegado ao Brasil num daqueles navios apinhados, o gado para quem a história parece ter acabado aos vinte anos, ou trinta, ou quarenta, não importa. [...] Não sei onde ele embarcou, se ele arrumou algum documento antes de sair, se tinha dinheiro ou alguma indicação sobre o que encontraria no Brasil. [...] – um dado que resumiria sua biografia, engolindo qualquer referência ao lugar onde foi criado e à escola onde estudou e a todos esses detalhes acontecidos no intervalo entre o nascimento e a idade em que teve um número tatuado no braço.” (Laub)

O narrador (ou narradores, já que embora a narração principal seja feita pelo garoto judeu, há também outras vozes que se comprometem a narrar, conectando-se com o objetivo do narrador principal da história) escreve suas memórias em forma muito fragmentada (o livro não tem capítulos, mas pedaços). Esses fragmentos que se dividem em seis partes, que se contrapõem, mas complementam no entranhado fluxo de memórias: “Algumas coisas que sei sobre o meu avô” “Algumas coisas que sei sobre o meu pai”; “Algumas coisas que sei sobre mim”; “Mais algumas coisas que sei sobre o meu avô”; “Mais algumas coisas que sei sobre o meu pai” e “Mais algumas coisas que sei sobre mim”. Depois dessas partes fragmentadas, o narrador só então apresenta o seu “Diário”, que perpassa toda a história desde a queda do seu amigo no aniversário, rememorando o trauma judeu em sua família, a guerra e sua relação com o mundo.

O eu narrador de *Diário da queda* possui muito do Eu escritor Michel Laub, daí a razão para inclui-lo no gênero autoficção, este conceito tão importante capaz de indagar a própria literatura e paradigmas. O próprio escritor disse em entrevista ao portal *Público*, de Portugal, que apesar da essência da história ser inventada, ele se parece com o narrador, pois assim como ele, migrou de cidade em cidade, fez jornalismo e direito, sofreu um trauma acidental na infância e quase ficou paraplégico. Chegou a afirmar que “O livro é sempre o escritor” e diz que narrativa de *Diário da Queda* “Há uma brincadeira de fazer o narrador ter a mesma profissão que eu para o leitor achar que é tudo verdade. Parece que ele acredita mais assim, o que é bom, porque a primeira tarefa do escritor é convencer o leitor. Como narro em primeira pessoa, facilita a confusão”.

No livro há um fragmento chave para interpretarmos como a autoficção se faz proeminente na escrita do romance de Laub. Nele percebemos algumas identificações com o escritor e o protagonista: a profissão de jornalista, escritor de alguns livros de sucesso e relacionamentos. Vejamos:

“A imagem que eu tinha de mim no dia em que dei a notícia do Alzheimer ao meu pai era a seguinte: um homem de quase quarenta anos, que teve um relativo sucesso profissional, e publicou livros de relativa aceitação crítica, e conseguia lidar relativamente bem com gente cuja intimidade conhecia até certo ponto, escritores, editores, tradutores, assessores, agentes, jornalistas, amigos com quem almoçava duas vezes por ano, amigos cujo nome da mulher e filhos seria incapaz de dizer, amigos cujos hábitos e planos e conversas não interessavam mais há muito tempo” (Laub)

O escritor, ao afirmar que “tudo é autobiográfico num livro”, reconhece que o “escritor se baseia na própria memória, nem que seja para inventar” (Laub). Assim como o personagem de seu livro, também é descendente de judeus, nasceu em Porto Alegre, o que o aproxima ainda mais da história de sua obra. Essa escrita de si é também uma comunicação com o mundo externo, com o leitor, conforme nos lembra Leyla Perrone-Moisés, a qual também afirma que “falar de si mesmo por escrito é comunicar-se com um leitor virtual, o qual, por sua vez, pode buscar, na individualidade do escritor, as semelhanças com ele mesmo e as respostas que faltam em sua existência individual. Portanto, a autoficção não é necessariamente egoísta e descartável” (Perrone-Moisés).

A memória é, digamos, a matéria principal do romance criado por Laub. Vejamos, por exemplo, um dos personagens chave da história: o pai do narrador, que sofre de Alzheimer, logo aquela relacionada ao ato de lembrar. O escritor confessa que seus “livros sempre trataram de memória. Esse começou assim também. Em algum momento, percebi que não há assuntos mais ligados ao tema da memória que os do livro: a doença de Alzheimer, que encerra em si a questão da memória individual, biológica, e o Holocausto, que é uma espécie de símbolo — não o único, mas um dos mais fortes — da questão da memória histórica, coletiva. A partir daí, direcionei a história para que essa contraposição ficasse mais clara e interessante.” Além do Alzheimer, o narrador vive ainda na sombra do alcoolismo, impossibilitando-o de resolver os problemas. O personagem principal dirá que o seu problema real com a bebida não é físico. “Não é material também, no sentido de se comparar os bens e o currículo de quem bebe e de quem não bebe. Na verdade, como tudo nesta história, é um problema que remonta aos catorze anos, a época em que mudei de escola pela segunda vez e tratei de cumprir o roteiro de quem já cansou de ir contra a corrente. (Laub).

* Considerações Finais

O escritor Michel Labub sempre deixou claro em seus depoimentos sobre a escrita literária está imbrincada em sua vida real, trazendo-lhe uma identidade pessoal, mas também subjetiva. Veja-se o caso de *A maça envenenada* (2013), outra obra do autor em que traz elementos biográficos, inclusive os traumáticos, que se faz muito presente de modo muito forte na narrativa de vida das três gerações da obra *Diário da queda*, ou ainda no caso de *Música anterior,* outro livro cuja temática é altamente autobiográfica. Enfim, o que se pode resumir é que os traços reais de sua vida estão ambos espelhados e contados no desenvolvimento de suas histórias, instituídas e fundamentadas sobretudo no aspecto da memória.

Bibliografia

Benjamin, W. (2012). *Magia e técnica, arte e política:* ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, vol. I. São Paulo, Brasiliense.

Candido, A. (2006). *Literatura e sociedade.* Rio de Janeiro, Ouro sobre Azul.

Coutinho, I. (2013). *Algumas coisas que ficámos a saber sobre Michel Laub. Recuperado de* <https://www.publico.pt/2013/04/05/jornal/algumas-coisas-que-ficamos-a-saber-sobre-michel-laub-26268032> [consultado em setembro 2018]

Doubrovsky, S. (2014). *Ensaios sobre a autoficção.* Belo Horizonte, Editora UFMG.

Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva.* São Paulo, Centauro.

Izquierdo, I. (2002). *Memória.* Porto Alegre, Artmed.

Laub, M. (2011). *Diário da queda.* São Paulo, Companhia das Letras.

Lejeune, P. (2013). “Da autobiografia ao diário, da Universidade à associação: itinerários de uma pesquisa“, Em *Revista Letras de Hoje*, ISSN 0101-3335. Brasil.

Levi, P. (2016). *Os afogados e os sobreviventes.* Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Perrone-Moisés, L. (2016). *Mutações da Literatura no século XXI.* São Paulo, Companhia das Letras.

Seligmann-Silva, M. (2003). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes.* São Paulo, Editora da Unicamp.